

A INFÂNCIA E O BRINCAR: A IMPORTÂNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DA CRIANÇA

CHILDHOOD AND PLAYING: THE IMPORTANCE OF THE CHILD'S EMOTIONAL DEVELOPMENT

Raquel Cristina Wolff¹
Luana Dal'Moro²
Ana Bela Santos³

RESUMO

O brincar é parte essencial na infância, pois através desta é possível à criança desenvolver-se em diversas áreas. Por este motivo é importante que a brincadeira seja compreendida por pais, professores, terapeutas e comunidade em geral como parte da descoberta do ser, fragmento indispensável na inserção de normas e regras e para estabelecimento de vínculos. Para a realização deste trabalho foi necessário o levantamento de dados bibliográficos através de materiais já publicados sobre tal assunto. Esta pesquisa tem como objetivo a compreensão de forma clara e objetiva do ato de brincar na infância como forma de construção da personalidade, de maneira a possibilitar a percepção do brincar como meio de aprendizado, assimilação, construção e desenvolvimento e não apenas como um ato sem qualquer finalidade, facilitando ao leitor a compreensão do lúdico no setting terapêutico para o desenvolvimento emocional da criança.

Palavras-chave: Infância. Brincar. Brincar no Setting Terapêutico. Desenvolvimento Emocional da Criança.

ABSTRACT

Playing is an essential part of childhood, because through this it is possible for the child to develop in several areas. For this reason it is important that the play be understood by parents, teachers, therapists and the community in general as part of the discovery of being, indispensable fragment in the insertion of norms and rules and for the establishment of bonds. For the accomplishment of this work it was necessary the collection of bibliographical data through materials already published on such subject. This research aims to understand clearly and objectively the act of playing in childhood as a way of constructing the personality, so as to enable the perception of play as a means of learning, assimilation, construction and development and not just as an act without any purpose, facilitating to the reader the understanding of the ludic in the therapeutic setting for the emotional development of the child.

Keywords: Childhood. Playing. Playing in the Therapeutic Setting. Emotional Development of the Child.

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Campo Real.

² Graduanda do Curso de Psicologia da Faculdade Campo Real.

³ Mestre pelo Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* Interdisciplinar em Desenvolvimento Comunitário pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO - PR). Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Campo Real. Professora Orientadora na Faculdade Campo Real.

1 INTRODUÇÃO

O lúdico se faz presente na vida de todo ser humano, através da imaginação, dos jogos, de brincadeiras, que permitem ao indivíduo explorar sentimentos, emoções, angústias e desejos, se comunicar, e trabalhar suas potencialidades, habilidades e limitações. Através de brincadeiras o indivíduo adquire experiências que serão fundamentais na vida adulta.

Ao contrário do que se pensa, o brincar não é apenas algo fútil, utilizado para “matar tempo”. Através do brincar a criança pode expressar suas emoções, além de compreender e por vezes solucionar seus problemas familiares e sociais.

Além da diversão do brincar, a ludicidade é de grande importância, pois através da brincadeira as crianças são estimuladas a desenvolver-se motor, afetivo-emocional, social e intelectualmente, além da permissão do despertar no sujeito seu lado criativo. Para isso não pode haver pressão ou obrigação sobre a atividade, deve ser algo prazeroso, pois brincando a criança consegue pensar, organizar e refletir, o que é fundamental para o aprendizado. A brincadeira pode também, ser a forma de extravasar a energia da criança e expressar o que está sentindo.

O adulto deve fazer parte das brincadeiras infantis, visto que esta é uma maneira de estreitar laços e construir vínculos mais resistentes, além de possibilitar a inserção de normas e regras de forma clara e branda.

O que será retratado nas próximas linhas é como e por que a brincadeira se faz tão importante para o desenvolvimento emocional da criança, qual a importância da participação dos pais no ato de brincar e a função do lúdico no setting terapêutico.

2 INFÂNCIA

Muitos autores falam sobre a infância e suas fases de desenvolvimento, dentre eles Jean Piaget, Hurlock e Gesell e Bijou e Baer

Jean Piaget coloca quatro estágios básicos do desenvolvimento cognitivo, que se faz importante aqui. O primeiro estágio, chamado de sensório-motor, vai do nascimento até os dois anos, e é a fase onde a criança aprende a controlar seus reflexos, se desenvolve e passa a perceber a si e tudo o que está em sua volta. O segundo estágio dura dos dois aos sete anos, chamado de pré-operacional, onde a criança desenvolve o domínio da linguagem e a representação do mundo, porém a criança ainda não é moralmente capaz de se colocar no lugar de outros. O terceiro estágio é o das operações concretas, que vai dos sete à aproximadamente doze anos, e é onde surge a lógica e a capacidade de discriminação entre similar e diferente e, a criança já tem domínio de números e noção de tempo. O quarto estágio tem início aos doze anos, chamado de estágio das operações formais e é cognitivamente a

entrada na fase adulta, o agora adolescente tem pensamento dedutivo e lógico e é capaz de raciocinar sobre conceitos abstratos.

Piaget distingue ainda dois tipos de conhecimento entre as crianças pequenas, “sentido estrito” que são informações específicas e “sentido amplo” que são relações formadas pela criança a partir do que é aprendido no sentido estrito.

Para ele, a criança pequena é um ser egocêntrico, não egoísta, pois ainda não tem capacidade cognitiva para se pôr no lugar do outro, e isso é adquirido com a maturação.

Por volta dos três anos tem seus pés mais firmes, organização motora mais equilibrada, já possui um considerável controle esfíncteriano, sendo capaz de ir sozinha ao banheiro, emprega palavras com maior segurança e tem noção de tempo fraca, mas bem definida dentro de suas limitações, é capaz de se alimentar com as próprias mãos e suas brincadeiras são um pouco menos inconsequentes, além de gostar de ouvir histórias, com relação ao sono, é comum a insônia, falar dormindo, sair da cama ou berço, sonhar e não lembrar com o que e ter mais dificuldade de levantar pela manhã que dormir a noite.

Já a idade escolar, de seis a doze anos, as crianças adquirem competências básicas e isso modifica os pensamentos e, por conseguinte, o comportamento do indivíduo.

Durante a fase escolar a criança consegue um autoconceito mais organizado, mais refinado, define com mais precisão as suas qualidades e defeitos e também nessa fase sua autoestima, seus valores pessoais tornam-se mais delineados. Crianças com autoestima elevada tendem a acreditar em suas capacidades e habilidades, já nos casos de desamparo, baixa autoestima, a criança tende a desacreditar de si, sentindo-se inferior e impotente.

Hurlock e Gesell, podem ser citados na divisão por idade cronológica, os quais se referem ao comportamento dos três anos, comportamento dos quatro anos, e assim por diante.

Bijou e Baer (1980) levantam algumas críticas relacionados a estes modelos de teoria do desenvolvimento e apresentam a proposta de Kantor, autor interbehaviorista, que explica o desenvolvimento não com base em estruturas da personalidade ou cognitivas, mas no tipo de interação que o indivíduo é capaz de estabelecer com o ambiente. Explicam que embora estas divisões pela idade cronológica ou teorias da personalidade sejam bastantes práticas e objetivas, elas são muito arbitrárias para alguém que deseje realizar um estudo mais detalhado das relações entre períodos sucessivos. Percebem também que interações significativas não ocorrem de maneira sincronizada o bastante para que se fale de comportamentos esperados por cada fase da vida, mais do que esta fase, são as relações que a criança estabelece com seu meio que favorecem ou não o aparecimento de certos tipos de comportamento.

De acordo com os autores, ao eliminarmos as teorias que dividem o desenvolvimento pela idade cronológica ou teorias da personalidade, nos resta dividir e delimitar o fim de cada

estágio de acordo com dois outros tipos de critérios. O primeiro baseia-se em fatos observáveis, manifestações comportamentais, eventos sociais e maturação biológica. O segundo, por sua vez, divide o desenvolvimento de acordo com o tipo de interação que o indivíduo é capaz de estabelecer com o meio que o cerca.

Bijou e Baer apresentam os três estágios propostos por Kantor. O estágio Fundamental, o Básico e o Societário.

O Fundamental é “aquele no qual o indivíduo comporta-se como um sistema unificado – um organismo –, mas é bastante limitado pelas suas características orgânicas”. As interações que o indivíduo estabelece nesta fase são basicamente reflexas, e são de certo modo comuns a todos da espécie. Além dos reflexos, são também apresentados movimentos aleatórios, descoordenados, aparentemente desligados ainda de estimulação ambiental. Quando confrontados com o meio, estes movimentos serão modelados de modo a tornarem-se coordenados e adquirirão funções no ambiente. Deste modo, a criança passa a ser capaz de estabelecer outros tipos de interações ao longo do tempo, passando ao próximo estágio.

No estágio Básico a movimentação aleatória e reflexa inicial vai dando lugar a movimentos coordenados, sistemáticos, os quais agem sobre o ambiente com certa finalidade. Torna-se mais independente de seus cuidadores, sendo capaz de executar tarefas cada vez mais complexas. “É nesse momento em que a criança passa por experiências que não são comuns a todas as crianças (...), e as habilidades e conhecimentos adquiridos na fase anterior – e nesta também – tornam-se mais elaboradas”, à medida que a criança vai experienciando e explorando o mundo.

É no estágio Societário que a criança começa a se socializar e explorar as regras sociais, instrução formal, elementos culturais e simbólicos cada vez mais complexos. Novamente, esta habilidade vai se desenvolvendo e tornando-se cada vez mais refinada à medida que a criança vai experienciando o mundo.

Bijou e Baer ainda lembram que podemos dizer que o primeiro estágio tem início no pré-natal e vai até a idade em que comumente se chama de fim da infância. O segundo estágio, por sua vez, começa neste ponto e vai até a idade escolar ou pré-escolar. Já o terceiro, no qual a criança torna-se um ser social, começa neste ponto e vai até a idade adulta.

A divisão em estágios do desenvolvimento se dá, em uma perspectiva comportamental, de acordo com o caráter predominante das interações que o indivíduo estabelece naquele período. Estes marcos são, simples acidentes sociológicos, e não essências do desenvolvimento. É bastante comum que se observem características de múltiplos estágios em uma criança só, pois um desfaz no outro à medida que a criança é estimulada.

3 BRINCAR

O brincar é um comportamento natural do ser humano, é uma forma de se desenvolver, de aprender. É por meio dela que a criança se expressa, se comunica, e trabalha suas potencialidades, habilidades e limitações. Através de brincadeiras o indivíduo adquire experiências que serão fundamentais na vida adulta

A partir do vínculo materno (amamentação, carícias, contatos corporais) e observando toda a complexidade de comportamentos que as crianças desenvolvem durante a primeira e segunda infância, nota-se a importância fundamental que o jogos e brincadeiras tem para a construção do ser.

Nessa construção o brincar desempenha um papel essencial em suas diversas modalidades e manifestações que acompanham o bebê de seu berço até a fase adulta.

O ato de brincar não é apenas uma forma de passar o tempo, para isso não pode haver pressão ou obrigação sobre a atividade, deve ser algo prazeroso, pois brincando a criança consegue pensar, organizar e refletir, o que é fundamental para o aprendizado. A brincadeira pode também, ser a forma de extravasar a energia da criança.

Através de jogos e brincadeiras as crianças estabelecem um meio de entrar em contato, de conhecer e atuar sobre a natureza. Os jogos também apresentam valores: éticos, afetivos, intelectuais, estéticos, motores.

Segundo Vera Barros de Oliveira:

[...] o comportamento lúdico tem seu início, já desde o primeiro mês de vida, mediante reações espontâneas e prazenteiras. Assim, o bebê pode responder ao movimento de um brinquedinho próximo de sua vista, seguindo-o com o olhar ou com o girar da cabeça, entre outras formas preliminares de comportamento que revelam certa expressão de prazer e de distração. A partir de seus primeiros sinais, o brincar vai se configurando ao longo da infância, incluindo a "dramatização", como uma das fases de maior significação no comportamento lúdico." (OLIVEIRA, 2014, p. 59).

As atividades lúdicas tem por objetivo otimizar o desenvolvimento das crianças, os estudos, e experiências educacionais, que evidenciam resultados claros e satisfatórios quando as atividades são apropriadas aos níveis de evolução da criança, ao seu ritmo e a outras características de cada uma, individualmente.

A criança precisa de algo que a estimule para tornar-se cada vez mais comunicativa, independente e alegre, e isso vem em grande parte das atividades lúdicas que são originadas por ela própria ou pelas pessoas que estão a sua volta.

Com o passar do tempo, à medida que a idade vai aumentando, tornam-se mais evidentes as diferenças de personalidade e de sexo nas brincadeiras que as crianças escolhe. Nas brincadeiras com blocos, por exemplo, onde fazem vários tipos de construções, tanto

para os meninos quanto para meninas, têm um papel muito importante no comportamento lúdico da criança.

Técnicas também são importantes no trabalho de desenvolvimento emocional da criança. Técnica de relaxamento pode ser uma ótima opção para crianças agitadas, onde ensina a relaxar vários grupos musculares. Exercícios de relaxamento podem ser aplicados como tarefa de casa, por exemplo. Pode-se incluir no relaxamento animais ou super-heróis como personagens incorporando para facilitar e estimular a criança gostar da técnica.

Dworetzky coloca os cinco descritores do brincar: motivação intrínseca, afeto positivo, sem lateralidade, meios/fim e flexibilidade, que segundo ele, Dworetzky (1987, p. 368, apud BENTZEN, 2012, p. 366), “quanto maior for a quantidade de descritores que podem ser aplicados a determinada situação, mais alta será a probabilidade de que as pessoas a definam como brincar”.

Craig e Kermis observaram seis formas de brincar que não são exclusivas nem exaustivas: Prazer Sensorial; Brincar com o Movimento; Brincadeiras Turbulentas; Brincar com a Língua/Linguagem; Jogo Dramático e com Modelos; Jogos, Rituais e Brincadeira Competitivas.

O Prazer Sensorial é a experiência que a criança tem com relação a seu corpo e ao ambiente, é o sentir, poder pegar, apertar, enxergar, cheirar, levar a boca;

O Brincar com o Movimento são as brincadeiras que geram movimentos como correr e pular, geralmente são iniciadas por um adulto;

As Brincadeiras Turbulentas apesar de serem desencorajadas pelos cuidadores, são importantes para o desenvolvimento da criança, pois é um meio delas aprenderem a lidar com sentimentos e emoções, controlar seus impulsos e filtrar comportamentos indevidos para a convivência em grupo;

Brincar com a Língua/Linguagem é brincar com sons e mistura de palavras, buscando obter novos significados, é também uma forma de amortecer as expressões de raiva;

Jogo Dramático e com Modelos são as brincadeiras de faz de conta, de imitação, é o jogo de representar a mãe cuidando da casa ou o pai trabalhando, brincar de astronauta, bombeiro, médico, professora. Para Craig e Kermis (1995, p.404 apud Bentzen, Warren R., 2012, p. 328), “as crianças passam a entender diversas relações sociais, regras e outros aspectos da cultura ao brincar de imitar”;

Os Jogos, Rituais e Brincadeira Competitivas envolvem decisões, o que é ou não permitido, são importantes para o desenvolvimento cognitivo da criança com relação à regras, consequências, vencer e perder e o ajustamento dos seus comportamentos frente as regras colocadas pela sociedade.

4 O BRINCAR NO SETTING TERAPÊUTICO

A brincadeira é valiosa para a observação e compreensão da fase pela qual a criança está passando, com esta é possível identificar traços da personalidade do indivíduo, como se relaciona com familiares e demais pessoas, seus medos, desejos e como interpreta os mais diversos papéis em sua vida.

Através de técnicas projetivas, como desenhos, histórias, brincadeiras de luta, casinha, bonecas, dentre tantas outras, a criança elabora seus pensamentos, emoções e sentimentos.

O brincar no setting terapêutico nunca é apenas uma brincadeira, o lúdico é fundamental na construção e no fortalecimento de vínculo com o cliente, na investigação e no estabelecimento de regras. É a maneira de entrar no mundo da criança.

Ao contrário dos adultos, a criança procura por terapia, alguém faz isso por ela e muitas vezes ela nem mesmo sabe o motivo. Estar em um lugar que não deseja, com uma pessoa desconhecida e ter que falar, gera ansiedade, assusta, e isso dificulta a elaboração da criança e o trabalho do terapeuta, por esta razão é preciso que a criança sinta-se à vontade e tranquila, e utilizar de algo concreto, do cotidiano da criança como o brincar, facilita tudo.

Brincando a criança se desenvolve, treina suas habilidades, compreende e aceita fatos que não compreendia, organiza seus pensamentos e sentimentos e então modifica comportamentos.

Inserir os pais no setting terapêutico, permitindo que participem de alguns momentos do brincar com o filho, fortalece os vínculos entre ambos, além de também facilitar a elaboração dos pais, a percepção de fatores influentes que eles passam para os filhos sem que percebam, fatores que muitas vezes eles querem extinguir da criança, que tão simplesmente está a reproduzir.

A brincadeira entre pais e filhos no setting é também educativa, pois a criança aprende uma infinidade de coisas com o adulto através de algo lúdico e prazeroso, e o adulto aprende a educar de forma sutil e divertida, o contrário do que muitas vezes acontece em casa. É provável que ambos percebam que é possível aprender, ensinar e comunicar-se, através de atividades dinâmicas, evitando assim, as brigas, as discussões desnecessárias e a gritaria, que causam danos para ambos.

5 DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL

O desenvolvimento humano deve ser olhado com atenção principalmente dos três primeiros anos de vida da criança, pois o cérebro está em atividade intensa, registrando os novos estímulos e habilidades, e é quando o emocional da criança está se desenvolvendo.

Atualmente é muito comum se ver em consultórios, adultos com a sensação de insegurança pessoal, ansiedade, medo e dificuldade de perceber e dar valor para si mesmo. Essa sensação de importância começa a partir de nossas primeiras experiências após o parto. Por conta disso, é importante o olhar com cuidado para o desenvolvimento emocional infantil.

A sensação de “EU” no ser humano não se desenvolve sozinha. Ele precisa do olhar do outro, é assim que uma pessoa se estabelece, através de suas relações com os outros. O primeiro “outro” do bebê é a mãe. O olhar da mãe é essencial para o bebê, pois é através desse olhar que o bebê passa a entender seu lugar no mundo.

Algumas falhas que são muito frequentes e profundas durante esse momento de construção de personalidade podem gerar graves dificuldades no decorrer do desenvolvimento emocional infantil. Quando se fala sobre o olhar para o bebê, não é sobre fazer a função prática e biológica: amamentar, trocar, dar banho, fazer dormir. E sim sobre o desenvolvimento emocional dessa mãe. É importante que a mãe esteja de verdade com o bebê, por inteiro, de coração. É importante que esse bebê tenha a sensação que ele é amado, importante, que ele tem seu lugar na família. E também, para a construção psíquica de segurança dessa criança, que carregará essa sensação para o ser adulto.

Para favorecer o desenvolvimento emocional, algumas ações são básicas, como conectar-se a emoções, sentimentos e sensações. Presença física para e com ele. Mostrar a importância, falar, abraçar, beijar. Ter momentos de silêncio e profundo amor com seu filho. Quando se irritar com as demandas do bebê e perceber que precisa se re-equilibrar, tentar se retirar, se acalmar, não rotular a criança. Assim, estará reforçando a sensação de importância interna com o bebê, fortalecendo seu desenvolvimento emocional infantil em um dos momentos mais importantes da vida dele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser humano é um ser em constante aprendizado, tudo o que é ensinado, é possível ser aprendido. Compreender o sujeito não é tarefa fácil, mas não compreendê-lo, torna tudo muito mais difícil, desta forma a prática com crianças considerada por alguns como mais simples, demonstra o contrário, trabalhar com crianças é algo totalmente abstrato, que precisa ser desmistificado a cada brincadeira, a cada fala, por mais inusitada que pareça ser. A criança não traz nada pronto e juntar as peças do quebra-cabeça infantil é tarefa árdua para quem considera o brincar uma “perda de tempo”.

Em terapia a criança expressa medos, desejos, aflições, de forma diferente do adulto. Enquanto o adulto fala, consegue ouvir a si, e passa a compreender e organizar a sua mente a partir daquilo que relata. Uma criança, na maioria das vezes não sabe explicar o que sente e porque sente, e muitas vezes nem sabe como são os sentimentos, como identificá-los, para

isto serve o brincar. Através de brincadeiras a criança constrói, desconstrói e reconstrói o seu mundo, alinhando imaginação e realidade, buscando na ludicidade uma solução para problemas reais.

Em resumo, a brincadeira está totalmente relacionada com o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, por meio desta, aprendem a fazer o que não sabiam, compreendem o que até então não compreendiam, e a partir de então é possível a mudança em seu comportamento, a resolução de situações desagradáveis e o crescimento saudável do sujeito. Porém é necessário ressaltar que a brincadeira para ter finalidade educativa, precisa ser interessante e desafiadora, do contrário, será apenas uma atividade mecânica e rotineira.

REFERÊNCIAS

A CRIANÇA e o Lúdico: A Importância do Brincar. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCC1057.pdf>. Acesso em 17 de agosto de 2017.

BENTEZEN, Warren R. **Guia para Observação e Registro do Comportamento Infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2012. 473p.

COLÉGIO PENTÁGONO. O que é o Brincar? **Estadão**. 2017. Disponível em: <http://educacao.estadao.com.br/blogs/colégio-pentagono/o-que-e-brincar/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

CORDIOLI, Aristides Volpato. **Psicoterapias Abordagens Atuais**. 3.Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

GESELL, Arnold. *A Criança do 0 aos 5 Anos*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 498p.

LANNA, Débora T. **Desenvolvimento emocional**. Disponível em: <https://blog/desenvolvimento-emocional-infantil/>. Acesso em: 31 ago. 2017.

MELO, Maria Aparecida. **Sobre o Desenvolvimento Afetivo da Criança**. 2011. Disponível em: <https://psicologado.com/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/sobre-o-desenvolvimento-afetivo-da-crianca/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

OLIVEIRA, Vera Barros. **O Brincar e a Criança do Nascimento aos Seis Anos**. 11.Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PSICOTERAPIA INFANTIL. **Desenvolvimento Infantil: uma leitura comportamental**. s/a. Disponível em: <http://psicoterapiacomportamentalinfantil.blogspot.com.br/desenvolvimento-infantil-uma-leitura/>. Acesso em: 30 ago. 2017.

WATTHIER, Carin Wehrmann; MARAFON, Sirlei; LEONARDI, Sandra Eleine Romais. **O Brincar e o Desenvolvimento Integral das Crianças**. 2013. Disponível em: <https://fundacaoabring.wordpress.com/2013/06/17/o-brincar-e-o-desenvolvimento-integral-das-criancas/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

INFORMAÇÕES DO TEXTO

Recebido em: 19 de fevereiro de 2018.

Aceito em: 17 de junho de 2018.

INFORMAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

Este artigo deve ser referenciado da seguinte forma:

WOLFF, Raquel Cristina; DAL'MORO, Luana; SANTOS, Ana Bela. A infância e o brincar: a importância para o desenvolvimento emocional da criança. **RESO: Revista de Estudos Sociais**, Guarapuava, v. 1, n. 1, p. 84-93, jan./jul. 2018.